

Nota da Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana a respeito da recente denúncia de 9 óbitos de crianças yanomami com suspeita de Covid-19 em Surucucus (RR)

A Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana está apurando as informações relativas às nove mortes suspeitas de Covid-19 entre crianças yanomami da região do Surucucus (RR). Apesar de ainda não termos maiores informações sobre o contexto dessas mortes, gostaríamos de ressaltar que não é de hoje que o quadro sanitário dos habitantes da Terra Indígena Yanomami (TIY) está grave.

Antes mesmo da pandemia chegar a esse território, os Yanomami e Ye'kwana já sofriam com um atendimento de saúde ineficiente e que não leva em conta as especificidades socioculturais e linguísticas dos grupos indígenas atendidos. A diminuição do número de profissionais de saúde na TIY e a consequente ausência de ações continuadas para controle sanitário e prevenção de doenças nas comunidades, sobretudo nas mais distantes dos postos de saúde, contribuem para o aumento da mortalidade infantil, malária, doenças respiratórias, entre outras. Os índices epidemiológicos publicados pelo Dsei-Y nos últimos anos revelaram indicadores graves: o baixo peso transforma-se em desnutrição aguda, sintomas clínicos como diarreias, facilmente tratáveis, dão lugar a enfermidades mais severas e gripes comuns tornam-se pneumonias.

Até o momento, foram registrados em nosso monitoramento **1.641 casos confirmados** de Covid-19 na Terra Indígena Yanomami, entre eles **16 óbitos**. **Outros 14 óbitos foram registrados como suspeitos** - aqui não estão contabilizadas as nove mortes das crianças yanomami ocorridas em janeiro de 2021.

No ano passado, um estudo feito pela Rede Pró-YY e pelo Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana - [Xawara: rastros da covid-19 na Terra Indígena Yanomami e a omissão do Estado](#) - revelou que, até o fim de outubro de 2020, **as vítimas yanomami do novo coronavírus foram, em sua maioria, idosos e bebês**. Entre os 23 óbitos confirmados e suspeitos, seis eram bebês com menos de dois anos (22%); 12 eram pessoas com mais de 50 anos (52%), quatro eram jovens com idades entre 12 e 20 anos e uma jovem de 23 anos (26%). Dos seis bebês vítimas da Covid-19, três deles são do grupo sanõma, originários da região de Auaris (RR), onde a situação sanitária é alarmante, com um alto índice de desnutrição e doenças respiratórias. O dramático caso da morte dos bebês sanõma gerou revolta nas redes sociais em junho de 2020 devido ao [sumiço, por quase um mês, das três crianças que morreram com suspeita de Covid-19. Os bebês foram enterrados em um cemitério da capital Boa Vista \(RR\)](#) sem o conhecimento dos pais ou de representantes dos Yanomami.

O relatório também apresentou relatos dos Yanomami e Ye'kwana sobre o avanço da Covid-19 no território. Os depoimentos narram como a pandemia avançou, sobretudo pela ação garimpeira. *“Por dentro, não estamos bem. Estamos todos adoecidos. Nossa floresta adoeceu. Assim ficou o rastro dos garimpeiros, por que muitos aviões pousam ali. Quando chega um avião, muita gente desce dele e como descem muitos aviões, hoje essa doença*



chegou! Tem doença forte!", contou em julho de 2020 uma Yanomami de Kayanau (RR), onde fica a segunda maior zona de garimpo da terra indígena.

Francisco Yanomami, da região do Marauíá (AM), alertou também naquele mesmo mês para a falta de testes para os indígenas. *"Não era pra gente estar morrendo disso, por causa de doença forte, né. [...] Agora tá acontecendo, tá aumentando sintoma de Covid-19, tá aumentando. O que a gente pode fazer? Como a gente vamos saber se é realmente Covid-19? Como que a gente pode descobrir? Se é de Covid-19 que a gente tá morrendo? A gente tem que saber qual doença está nos matando. Se não tiver esse teste, a gente não tem nem como descobrir que essa doença tá matando a gente!"*.

Hoje, o Marauíá é a região da TIY com maior número de casos confirmados (322) e 9 óbitos entre confirmados e suspeitos. Em todas as 17 comunidades da região foram confirmados casos de Covid-19 e a população está desesperada, abandonada sem o devido atendimento da Sesai.

"Os pata pë [anciões] estão desmaiando no xapono [casa-coletiva], não tem atendimento direito, são poucos técnicos de saúde. Já foram muitos os casos confirmados, só que não tem atendimento!", relata o Agente Indígena de Saúde, Sérgio Yanomami, sobre a situação em janeiro de 2021.

Além de denunciar o atual descontrole da pandemia na Terra Indígena Yanomami, o estudo da Rede Pró-YY e do Fórum de Lideranças da TIY apresentou em detalhes como ela avançou na maior Terra Indígena do Brasil devido à omissão do Governo.

Com a virada do ano, o que vemos é mais do mesmo - omissão e descaso - e os casos confirmados de Covid-19 continuam aumentando. Mesmo com o início da vacinação entre os Yanomami e Ye'kwana na TIY, a Covid-19 ainda é uma forte preocupação para os indígenas que ainda sofrem com o aumento vertiginoso da malária, principal comorbidade que tem acometido essa população.

Entre confirmados e suspeitos, 30 Yanomami perderam suas vidas para a Covid-19, majoritariamente, idosos e crianças, pessoas que se encontram nas pontas opostas da vida. A memória e o futuro do povo Yanomami seguem ameaçados.

É necessário que a Sesai e o Dsei-Y apurem imediatamente esta denúncia e realizem uma testagem sistemática nessas comunidades da região do Surucucus e em todas onde há casos confirmados e suspeitos de forma a evitar um agravamento do contágio, além de garantir uma estrutura de atendimento preventivo às complicações relacionadas à Covid-19.